



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DIEGO RAMON SOUZA PEREIRA**

**A poética popular nordestina no período da 1ª República (1889-1918):  
os cordéis de Leandro Gomes de Barros**

SALVADOR  
2018

DIEGO RAMON SOUZA PEREIRA

**A poética popular nordestina no período da 1ª República (1889-1918):  
os cordéis de Leandro Gomes de Barros**

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Mestrado) da Universidade Federal da Bahia – UFBA, sob orientação do prof. Drº Paulo César Borges Alves.

SALVADOR

2018

**DIEGO RAMON SOUZA PEREIRA**

**A POÉTICA POPULAR NORDESTINA NO PERÍODO DA 1ª  
REPÚBLICA (1889 - 1918): OS CORDÉIS DE LEANDRO  
GOMES DE BARROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais e, aprovada em treze de novembro de dois mil e dezoito, pela Comissão formada pelos professores:

*Edilene Dias Matos*

Prof(a). Dr(a). Edilene Dias Matos (IHAC - UFBA)  
Doutora em comunicação e Semiótica pela PUC-SP

*Cecília Sepúlveda*

Prof(a). Dr(a). Cecília de Alencar Serra e Sepúlveda (FFCH-UFBA)  
Doutora em Ciências Sociais pela UFBA

*Paulo C. C. Alves*

Prof(a). Dr(a). Paulo Cesar Borges Alves (FFCH - UFBA)  
Doutor em Social And Environmental Studies Sociology

“Eu ouço as vozes  
eu vejo as cores  
eu sinto os passos  
de outro Brasil que vem aí”

(O outro Brasil que vem aí.  
In: **Talvez Poesia**, Gilberto Freyre).

## AGRADECIMENTOS

Às vezes é mais fácil pedir do que agradecer... neste sentido existiram e existem muitos seres, carnis e espirituais, envolvidos no processo desta dissertação. Será difícil lembrar a todos, por isso de antemão peço desculpas e perdão pelos esquecimentos. Para aqueles que convivem com a de cá, sabem que a memória nunca foi meu forte.

Primeiramente, saudarei os mais velhos, a minha ancestralidade, pois sem ela não estaria aqui. Com este leque abordo todos os seres espirituais e carnis que se fazem presentes e me guiam cotidianamente. Também agradeço aos mais novos, pois sei que o legado da “baphonisse” está muito bem guardado com as novinhas, acredito que elas encontrarão um universo mais aberto e mais respeitoso do que o meu.

Aos seres carnis e contemporâneos, trago desde os meus laços sanguíneos como os do Asé. Sei que sem mamãe e papai, eu não estaria raiando e ofuscando a beleza dos outros, “batendo” cabelo pelo mundo.

No universo acadêmico, também destaco professores e companheiros de caminhada. O docente Paulo César Borges Alves, pela orientação deste trabalho e por tentar guiar este ser que anda entre a academia, a militância e a escola pública baiana. A pós doutora, parceira, companheira Profa Iris Gomes por ter me apresentado o universo para além dos livros e dos métodos e técnicas de pesquisa, seus conselhos levarei para a vida. Aos demais docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA, uma salva de palmas.

Grato, também pela mulher que guia meus passos a quem peço a benção: Conça. Tão essencial como todos que já foram citados também peço uma salva de palmas, com muito glitter, luz e brilho para a minha família afetiva e carnal: Italo (meu irmão), Lucas dos Santos (amig@ e corretor), Eleonora Vaccarezza, Lilian Matos, Herbert Gomes (e sua família). Meu companheiro que chegou há pouco tempo e arrebatou a minha vida, Diorgenes Guedes e nossa filha Maria Eduarda.

Um cheiro a todos e todas que não foram citados, mas sabem o quanto foram importantes nesta caminhada de Mestrado.

## RESUMO

Compreender a realidade social e política do passado sempre é um desafio, ainda mais, quando você é docente da Educação Básica, e precisa contextualizar problemas contemporâneos através de fatos e acontecimentos do passado, que, inicialmente não teriam relação com a atualidade. Neste cenário, o cordel, potencialmente surge como um recurso didático que estreita estas duas esferas do social em uma única narrativa. Alicerçado neste mundo dos vocábulos, especialmente da letra cantada, oralizada, do cordel, que iniciei meus estudos de Mestrado, particularmente preocupado em entender a forma que estas narrativas escritas pelo grande Leandro Gomes de Barros (1865-1918, PB) interpretaram e retrataram as modificações sociais, culturais e políticas, advindas com a nascente República do nosso país. O que me levou ao seguinte problema norteador de pesquisa: Como a literatura de cordel ajuda a pensar os procedimentos modernos da Primeira República? Tendo, assim, por escopos: identificar as mudanças do sistema político, no período finissecular XIX, para entender as repercussões nos cordéis; analisar as representações presentes no cordel através do entrelaçamento do processo biográfico do literato popular, cordelista, com o contexto sociopolítico de produção da obra; analisar como o processo elaborativo do cordel imprime uma perspectiva popular de vivência do projeto de modernidade do nosso país. A partir disso foi constituído o *corpus* da pesquisa o qual foi montado através de cinquenta e seis cordéis digitalizados e posteriormente inseridos no *software* Atlas Ti., estas obras estão presentes no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Este *corpus* foi analisado com as técnicas fornecidas pela Análise de Conteúdo (AC) usando também a ferramenta das nuvens de palavras, resultante da incorporação e codificação do material no Atlas Ti. Esta pesquisa chegou à conclusão de que os cordéis produzidos pelo Leandro Gomes de Barros, retratam a voz do povo, e os anseios populares: acerca da carestia de vida, pagamento de impostos, aumento dos preços dos alimentos (elementos econômicos), da formação do exército nacional, do Brasil na I Guerra Mundial, aumento das leis e das prisões (fatores da soberania nacional e políticos) e, por fim, mas não menos importante, a presença do calçamento, dos profissionais liberais, dos jornais e do hábito de ler e da leitura (elementos de ordem das sociabilidades e de mutações da cidade). Este patrimônio cultural imaterial do nosso país, o cordel, conecta arte e realidade que transcende a ordem do tempo, do autor e das realidades.

**Palavras-chave:** Cordel, Leandro Gomes de Barros, Primeira República

## ABSTRACT

Understanding the social and political reality of past is always a challenge, still more, when you are a teacher of the High School Education, and precise to deal with contemporary problems through facts and events of the past which initially they would not have relation with the presente moment. In this scenery, the Cordel's works potentially appear like an educational resource that narrows these two spheres of the social one in the only narrative. Based in this world of the words, specially of the sung letter, orally, of the Cordel's work, that I began my studies of Master's degree, particularly preoccupied in understanding the form that these narratives, written by great Leandro Gomes de Barros (1865-1918, PB), interpreted and showed the social, cultural and political modifications resulted from the nascent Republic of our country. All of them lead me to the next problem aimed research: How the Cordel's literature helps people to think the modern proceedings of the First Republic? Having as the principal following aims: identifying the changes of the political system of the 19th century period in order to understand their repercussions on the Cordel's works; Analysing the present representations in the Cordel's work through the interlacement of the biographical process of the popular man of letters, cordelista, with the context social policy of production of their work; analysing as the constructive process of the Cordel's work prints a popular perspective of experiencing of the project of modernity of our country. Thus From those objectives the corpus of those researches were appointed which all of them were mounted through fifty six printed Cordels and later off they were subsequently inserted in the software Atlas Ti., Those works can be found in the heap of the Foundation House of Rui Barbosa. This corpus was analysed with the techniques supplied by the Analysis of Content (AC) using also the tool of the clouds of words, resultant force of the incorporation and codification of the material in the Atlas Ti. This inquiry came to the conclusion of which those Cordel's works, which were produced by Leandro Gomes de Barros, show the voice of the people, and the popular longings: around the high cost of life, payment of taxes, increase of the prices of the foods (economical elements), of the formation of the national army of Brazil at World war I, increase of the laws and of the prisons (factors of the national sovereignty and political) and, finally, but not the least importante one, the presence of the paving, of the liberal professionals, of the newspapers, and the habit of reading and of the Reading itself (elements of order of the sociabilidades and of changes of the city). This immaterial cultural inheritance of our country, the Cordel's work, connects art and reality that transcends the order of the time, of the author and of the reality.

**Key words:** Cordel's work, Leandro Gomes de Barros, First Republic

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	16
	19
2.1. LEANDRO GOMES DE BARROS, O “PAI” DO CORDEL E SUA PRODUÇÃO POÉTICA	
2.2 CORDEL: MEIO IMPRESSO DE COMUNICAÇÃO	22
<b>3. MATERIAIS E MÉTODOS</b>	25
3.1 A CATALOGAÇÃO DOS CORDÉIS	26
3.2 ANÁLISE DOS CORDÉIS	29
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	60
<b>REFERÊNCIAS</b>	63
<b>ANEXO</b>	69
ANEXO A – LISTAGEM DO CORPUS DA PESQUISA	70

## INTRODUÇÃO

Os estudiosos das Ciências Sociais podem se valer de inúmeras fontes para captação dos seus dados, como a construção da realidade social e a literatura (ALBRECHT, 1954; ALTAMIRANO & SARLO, 2001; BOTELHO e HOELZ, 2016; EASTWOOD, 2007; FORSTER e KENNEFORD, 1973; TEIXEIRA, 2009; WAIZBORT, 2009). Esta interação entre a existência dos aspectos socioculturais e a literatura dá-se através da "... influência do meio social sobre a obra de arte e a influência desta sobre o meio; em que medida a arte é expressão da sociedade e em que medida é interessada nos problemas sociais" (Candido, 1980, p. 1), como também fica evidente nesta passagem de outra obra:

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois, sociologicamente, ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo o processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito. (CANDIDO, 1993, p. 20)

O pensamento do autor aponta esta dupla relação da produção literária, que é suscitar reflexões sobre as contradições da vida social, e em outro viés, a literatura segue atenta às mudanças cotidianas e não uma mera abstração dos literatos como se pensava. Estes dois elementos não são díspares e sim complementares ou interligados, sociedade e literatura (ALVES, 2008; CHAGURI, 2012).

Outro autor de destaque neste debate entre literatura e sociedade é Pierre Bourdieu (2005), conforme exposto na obra "As regras da arte", em que a partir da análise da obra literária de Flaubert (literato francês do século XVIII) ele aponta que esta produção artística não deve ser entendido simplesmente como "arte pela arte". De acordo com Miceli (2003), o pensamento de Bourdieu sobre a literatura empenha-se:

em qualificar a situação de dependência material e política dos intelectuais e artistas em relação aos grupos e frações dirigentes, como se o refinamento de apreciação das peculiaridades posicionais pudesse esclarecer tanto sua autoimagem como as representações e as obras daí advindas. No limite, tudo se passa como se as obras e as tomadas de posição estéticas dos agentes pertencentes a quaisquer vertentes do campo intelectual se situassem num gradiente de dominação-subordinação, contrastando os produtores culturais mais dependentes aos mais autônomos perante os detentores do poder econômico e político. (MICELI, 2003, p. 65)

A visão de caráter estruturalista descrita acima sobre o pensamento de Bourdieu aponta para a influência dos fatores exógenos que rondam esta produção; entre estes fatores, destacam-se os elementos de “dependência material e política” que pesam sobre o fazer literário e, por consequência, uma construção a respeito de idade sobre o pensamento intelectual e cultura nacional (ARRUDA, 2004; BASTOS e BOTELHO, 2010; MICELI, 2001; PONTES, 1997). Em certos aspectos, o pensamento de Bastide (1983) vai nesta direção, pois a poesia pode ser usada como método sociológico, quando afirma: “Para aprender a riqueza social em toda a sua farta complexidade, precisamos recorrer aos mais variados métodos, mesmo ao método poético, caso seja necessário” (BASTIDE, 1983, p. 84). Com isso, a poesia é um recurso de pesquisa tão legítimo como qualquer outro mecanismo de obtenção de dados a respeito da realidade social.

De acordo com os autores acima citados, a produção literária não é alheia ao contexto social do literato. Desta interação sociedade e literatura, Candido (1961) afirma que se constituirá o sistema literário, cuja configuração dar-se-á pelo conjunto de elementos que garantem uma regularidade à arte de escrever, com a capacidade de ultrapassar o literato. Ocasiona-se em seu cerne uma tradição cultural, no caso específico do cordel, a literatura popular. Nesta configuração sistêmica, os elementos básicos para tal análise são: o literato, a narrativa e o público leitor. É válido salientar que o público leitor é o direcionamento do referido sistema, pois sem esse não há literato e suas obras. Conforme dito acima, a produção literária impacta e é impactada pela sociedade, neste caso, representado pelo público leitor.

Ainda sobre esta discussão, Candido (1961) sinaliza uma diferença entre manifestação e sistema, ao qual refere-se:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e por que se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo manifestações literárias de literatura propriamente dita, considerando aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase. (CANDIDO, 1961, p.25)

Conforme apontado no fragmento, há uma diferença entre as manifestações literárias e a literatura “propriamente dita”. As manifestações literárias envolvem as obras literárias isoladas, não seguindo nenhum grupo ou forma. Já por escola literária, Candido (1961) aponta ser um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns”, como por exemplo os romances literários realista-naturalistas. A “literatura propriamente dita” está conectada com fatores internos à escrita literária, que são: idioma, temas e imagens partilhados. E também por elementos externos decisivos para esta articulação: 1) conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel; 2) conjunto de receptores; 3) mecanismo transmissor (“de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos”) (CANDIDO, 1961).

De acordo com o modelo de Candido (1961) sobre a diferenciação entre “manifestação literária” e “literatura”, é possível entender a produção de cordel – especialmente da primeira geração de cordelistas – como literatura devido aos ciclos temáticos, compartilhamento de repertórios entre os cordelistas, escrita melódica e rimada, métrica, xilogravura na capa ou o desenho frontal, ou a “capa cega” (sem desenho algum), a comercialização de seus escritos e o público leitor, entre outros elementos.

Não constitui objetivo desta dissertação entender os cordéis produzidos no final do século XIX e início do século XX configurarem-se como “manifestação literária” ou “literária”. Todavia, Candido (1961) não se debruça sobre a produção popular literária no contexto da Primeira República, conforme fez com os romances românticos e naturalistas/realistas nacionais. Diante desta lacuna investigativa sobre a vivência popular desse processo de

modernização social que é conduzida por uma elite política, econômica e social, que nem os cordelistas e nem o público leitor de cordéis faziam parte, para este trabalho e mediante os elementos constituintes desta poética popular, chega-se à conclusão que os cordéis constituem-se, na concepção de Candido (1961), uma literatura, no caso, uma literatura popular.

Em relação ao período histórico sociocultural da Primeira República, tinha como modelo de projeto a modernização urbana, valores e sociabilidades da *Belle Époque* francesa. É válido sinalizar que seus pressupostos estão imersos nas narrativas presentes nos romances brasileiros da escola literária romântica e realista-naturalista (CANDIDO, 1961; MERQUIOR, 1996). Conforme visto no “sistema literário” da época, o público leitor exerce determinada influência sobre a escrita dos romances. Neste sentido, pode-se entender que o rebuscamento, ou o “chiquê” europeu almejado pelas camadas nobres brasileiras, também apareça em suas histórias de divertimento nos livros literários. Entretanto, ficam algumas questões latentes: como o público leitor de cordéis viam este projeto de modernidade, já que não pertencem a esta classe social leitora de romances? Como que esta literatura popular nordestina representava este “chiquê” em sua narrativa? (ALBUQUERQUE JR, 2001; GRILLO, 2005; HOFFNAGEL, 2010; INOJOSA, 1969; LUCENA, 2015; MAYA, 2012; NASCIMENTO, 1967)

O período da *Belle Époque*, contexto social apresentado nos romances analisados por Candido, configurou-se um processo histórico ocorrido na França que, didaticamente, é compreendido entre o final do século XIX e segue até a Primeira Guerra Mundial (1914). Tal período era conhecido como a “era de ouro”, da beleza e da paz entre a França e seus vizinhos europeus, cujas mudanças no cenário social – como os cafés-concertos, o cinema, o balé, o teatro, a alta costura entre outros – são elementos de refinamento e rebuscamento de detalhes, presentes então nos romances publicados no nosso país.

Paris, a “cidade luz”, torna-se o grande produtor e exportador da cultura ocidental, passando a ser referência de cidade civilizada e moderna, com telefone, telégrafo sem fio, automóvel, ruas, calçadas, bondes, livrarias, onde

todos os cidadãos são livres e iguais, inseridos em um contexto de fraternidade. Por conta das frequentes viagens da intelectualidade a Paris, nessa época, esta cidade tornou-se o modelo de cenário social, cultural e político a ser seguido e implantado pela nova república. Por isso, a *Belle Époque* no Brasil toma corpo a partir de 1889 e segue até 1922, com a Semana de Arte Moderna (BOTELHO, 2007, 2005; FERREIRA, 1999; NEEDELL, 1993; THIESSE, 2000, 1991; ORTIZ, 2006,1992).

Na intelectualidade brasileira do século XIX, os literatos do cânone tendem a expressar em sua arte poética e/ou prosaica as transformações ocorridas com o advento da “modernidade”, concomitantemente tecendo críticas às práticas, valores e instituições do período Imperial (ALONSO, 2000). Nesse sentido, o “moderno” desequilibra os preceitos culturais e políticos que alicerçavam o imaginário dos brasileiros. Candido (1961), sobre este processo de civilidade do nosso país, afirma:

Se não lermos as obras que a compõem [a literatura brasileira], ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura européia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam – dos quais se formaram os nossos. (CANDIDO, 1961, p.9, acréscimo meu)

Na passagem acima, o autor aponta a operacionalização com as categorias civilização e barbárie, cujo desenvolvimento da literatura seria indício de civilização. Para Candido (1961),

acima da barbárie e das inculturas gerais, os letrados formavam grupos equivalentes pelas funções sociais, nível de instrução, diretrizes mentais e gostos, separando-se das massas na medida em que integravam quadros dirigentes na política, na administração, na religião. (CANDIDO, 1961, p.89)

Os literatos, letrados, seriam os baluartes deste projeto civilizatório, especialmente através de seus escritos e devido a isso estariam separados das

demais pessoas, cuja função seria integrar “quadros dirigentes”. Esta diligência seria responsável por apontar os caminhos e interpretar os anseios da população da época, no caso os leitores dos romances.

Candido (1961) também direciona o seu olhar para a importância do fazer literato além de diversão,

O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo, como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 1961, p.25)

Os três elementos citados pelo autor, no fragmento acima, são: obra, autor e público leitor. De acordo com o entendimento dele, primeiramente, há um sistema simbólico presente na narrativa literária; segundo, este sistema alicerçaria a interpretação entre o “homem”; no caso o público leitor, sua “realidade”. A literatura nacional brasileira tornar-se-ia, na visão de Candido (1980, 1961), chave para o processo de formação da nacionalidade, ou seja, a literatura estaria totalmente interligada à formação de um sentimento de identidade e unidade do país.

A partir desta relação entre o contexto histórico do final do século XIX e início do século XX, período da Primeira República no Brasil, que se trata da produção poética popular do Leandro Gomes de Barros (LGB), considerado pai da literatura de cordel, autor dos cordéis analisados (GRILLO, 2005; SILVA, 2015).

Para Campos (1959), Leandro Gomes de Barros é:

o maior poeta popular de seu tempo, o que mais contribui para o folk-lore nordestino. (...) Espírito jocosos, sabia como ninguém traduzir os anseios populares e satirizar em versos, como um Gregório de Matos sem gramática, os preconceitos e mazelas sociais, reinantes em sua época. Os versos de Leandro não envelhecem. Todos eles estão cheios de uma profunda filosofia popular. (Campos 1959, p. 29)

Isso aponta a importância de Gomes não só para a literatura popular, mas configura-se como a “voz do povo”, um intérprete dos anseios e dúvidas que passavam a população no contexto da Primeira República brasileira (TERRA, 1983).

Ricupero (2004) corrobora com o pensamento de Candido (1961) em relação à funcionalidade da escrita literária, especialmente no período romântico nacional, uma vez que os romances forjavam um imaginário coletivo acerca do sentimento de nacionalidade, conforme nota-se:

entre o Estado e a sociedade civil estabelece a nação como mediação ideológica que dá aos homens e mulheres a impressão de pertencerem a uma comunidade política maior. A nação parece ter uma função quase complementar; se, no capitalismo, entende-se o Estado como organismo estranho aos indivíduos e a sociedade civil como espaço no qual prevalecem interesses particulares, os membros de diferentes nações, ao se identificarem com os demais membros de sua nação, sentem-se como fazendo parte de uma espécie de “todo” coletivo. A nação aparece dessa maneira, como uma forma de identidade em face da fragmentação da vida social e da exterioridade da vida política. (RICUPERO, 2004, p. 9)

Conforme exposto, o projeto de nação forja na sociedade civil um sentimento de pertencimento cuja literatura contribui significativamente para isso, alicerçando uma “forma de identidade” (CANDIDO, 1993,1980). Todavia, há uma lacuna investigativa quando se refere ao discurso presente na poética popular. Assim, a pergunta de pesquisa desta dissertação foi: **Como a literatura de cordel ajuda a pensar os procedimentos modernos da Primeira República?**

No intuito de resolver esta questão, a pesquisa teve por escopo principal: caracterizar as representações sobre os processos de modernização narradas pela literatura popular de cordel no contexto da Primeira República do nosso país. Seguido pelos demais objetivos: identificar as mudanças do sistema político, no período finissecular XIX, para entender as repercussões desses nos cordéis; analisar como o processo elaborativo do cordel imprime uma perspectiva popular de vivência do projeto de modernidade do nosso país.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os termos “cordel”, “literatura popular nordestina” ou “literatura popular em verso” foram usados neste trabalho de forma sinônimas para identificar os folhetos vendidos em cordões, barbantes ou sobre uma lona no chão das feiras livres<sup>1</sup> (MATOS, 2010). A origem da literatura popular nordestina foi marcada pelos folhetos portugueses (CASCUDO, 1978), cujo fato interessante, de acordo com Maxado (2007), em 1769, o rei João V, de Portugal, expediu um decreto de que só os cegos podiam vender este tipo de folheto, e que por isso passou a denominação de “Literatura de Cego”, comercializada primeiramente na porta das igrejas e feiras. Os temas principais, desta época, dos folhetos portugueses, giravam em torno da narrativa do amor e sofrimento, dos mitos heroicos, das aventuras de cavalaria, entre outros (ALVES SOBRINHO, 2003; CAMPOS, 1959; LONDRES, 1983; LUYTEN, 1992; TERRA, 1983).

Haurélio (2007) faz uma bela narração sobre a origem dos cordéis nordestinos, conforme se vê abaixo:

a poesia popular impressa e herdeira do romanceiro tradicional, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento). O cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também o é. Mas, cordel e repente não são a mesma coisa, pois, à medida que a árvore cresce, os galhos vão se distanciando, embora estejam unidos pela origem comum. (HAURÉLIO, 2007, p. 15)

De acordo com este fragmento, o cordel e o repente compartilham da mesma origem, a poesia popular. Contudo, este trabalho foi centrado nos cordéis. E esta produção escrita, o cordel, configura-se como livretos escritos em formas de rimas ou estrofes que, em relação à formatação do texto, Galvão (2001) explana que “os cordéis podem conter quatro versos chamados de quadra, sextilhas – contendo seis versos, septilhas ou sete versos, e décima – conjunto de dez versos” (GALVÃO, 2001, p. 3). Neles, os decassílabos aparecem em menor número; e as sextilhas é a formatação mais comum das

---

1 Só em meados dos anos 50 do século XX foram denominados de cordéis (vide Galvão, 2001).

narrativas de cordel. Para Cascudo (1978), a: “forma absolutamente vitoriosa na literatura de cordel brasileira, ABCBDB<sup>2</sup>, é tão antiga quanto à quadra” (CASCUDO, 1978, p.351), significando, para ele, que as rimas são intercaladas aos versos livres, por isso presentes nos 2º, 4º e 6º versos, representados no trecho pela letra B.

Nesta configuração de formatação do cordel nordestino, Matos (2010) aponta:

A prática poética do autor de cordel, que é ao mesmo tempo oral e escrita, incorpora princípios de um conhecimento poético tradicional, com a métrica e a rima obedecendo a padrões já bastante conhecidos: sextilhas, seguindo o esquema ABCBDB (2º, 4º e 6º versos rimados), ou décimas, no esquema ABBAACCDDC (1º, 4º, 5º versos rimados, além do 2º com o 3º; o 6º com 7º e o 10º; e o 8º com o 9º). Porém, mesmo dentro desses limites, o poeta popular faz suas narrativas fluírem mais livres e espontaneamente, sem mordanças ou espartilhos. Na denominada literatura de cordel, um texto de 8 ou 16 páginas é classificado como ‘folheto’. A partir de 32 páginas, os poetas consideram-no ‘romance’. (MATOS, 2010, p. 18)

Na passagem acima, Matos (2010) sinaliza uma convergência letra e voz sobre a literatura de cordel, então separações entre o texto escrito, cordel e a voz, repente, não nos ajudam a pensar a importância da produção poética popular no Nordeste brasileiro. De acordo com Matos (2007), “O folheto de cordel, marcado por seu forte acento oral – rima, ritmo, repetições, musicalidade –, nascido da e na oralidade, sua matriz e motivação, transita hoje no espaço letra/voz” (MATOS, 2007, p. 9).

Esta ligação letra e voz, para Matos (2007, 2010), é o que singulariza a literatura de cordel da produção literária erudita ou canônica, sendo este elemento o elo inicial da primeira geração de cordelistas, ou criação do campo<sup>3</sup>

---

2 Sigla referente à representação gráfica da métrica usada nas rimas dos cordelistas da primeira geração (MATOS, 1986).

3 De acordo com P. Bourdieu (1996), a categoria campo basicamente aponta: as práticas específicas de um determinado espaço social (fragmento da realidade social) e a posição social dos agentes na configuração hierárquica da lógica deste espaço (cultural, jornalístico, científico, educacional, literário, entre outros). Esta segunda premissa tem por principais consequências: a noção de disputa subjacente à posição hierárquica do agente e a figura (s) de “autoridade” nos ditames de regras do que faz parte ou não do campo.

literário popular escrito do Nordeste, cujas características principais são: constituição do público leitor (formado em sua maioria por analfabetos e semianalfabetos)<sup>4</sup>, estabelecimento das formas de produção e distribuição, definição das regras do gênero modelando estilo de escrita e temas abordados. Como forma de atrair os leitores, o cordelista mantém uma rima e métrica em sua produção, para que fosse facilmente memorizada, cantada e compartilhada coletivamente (SANTOS, 1997, 1993; ZUMTHOR, 1997).

O autor dos cordéis analisados nesta dissertação, Leandro Gomes de Barros, considerado por Carlos Drummond como o príncipe dos poetas, explora temas, acontecimentos e fatos como: catástrofes geográficas, mudanças político-econômicas, transformações da cidade, mutações dos meios de transporte e comunicação, façanhas de cangaceiros, propagandas com finalidade religiosa e comercial, carestia de vida, cobrança de impostos, a I Guerra Mundial e o aparato militar e bélico da Primeira República (ALVES SOBRINHO, 2003; CAMPOS, 1959; LONDRES, 1983; LUYTEN, 1992; TERRA, 1983). No entanto, também publicou sobre o amor, as histórias encantadas e fantasiosas, como nos romances eruditos da época (MATOS, 1986).

Sobre os ciclos temáticos presentes nos cordéis, Barroso (1949) aponta que: “Perpetuou (...) os primeiros obstáculos vencidos e as primeiras lutas, as festas religiosas e profanas, as terríveis misérias das crises climáticas, a vida aventureira dos vaqueiros, as proezas dos novilhos barbatões” (BARROSO, 1949, p. 10). Além dos temas, a produção do cordel passa também pelas ilustrações e pelo baixo custo de impressão, sendo usado tipografias, equipamento para imprimir o texto e a imagem no papel.

Outro fator interessante nos cordéis, que nos fornece pistas sobre o processo de recepção destas obras aos leitores analfabetos ou semialfabetizados, é a capa, um elemento constituinte do cordel que largamente fora utilizada como isca para chamar atenção dos leitores. No início

---

4 Conforme Galvão (2002, p. 116): “Sabe-se, no entanto, que, pelo menos até as primeiras décadas do século XX, as taxas de analfabetismo chegavam a quase 70% da população com mais de 15 anos do país e eram muito baixos os índices de escolarização”.

desta literatura no Brasil, a capa era denominada “capa cega”, aquela que continha apenas o nome do cordel e do autor, sem imagens, todavia com o passar do tempo, começou a ser usado pelos cordelistas a xilogravura, técnica ilustrativa utilizada desde o período medieval, que constitui-se de talhar na madeira uma imagem que será prensada junto ao papel, podendo o relevo feito na madeira ser destacado com tinta, geralmente de cores escuras. A xilo não necessariamente é feita pelo próprio cordelista. Entretanto, é a imposição da imagem frente ao texto que ajudará no entendimento da história pelo público leitor (em sua grande maioria semi ou não alfabetizados), contada e “cantada” ao longo das páginas, imprimindo assim um traçado, forte e de bela expressividade ao cordel (MATOS 2010, 2007; HAURÉLIO, 2007).

## 2.1. LEANDRO GOMES DE BARROS, O “PAI” DO CORDEL E SUA PRODUÇÃO POÉTICA

Luís da Câmara Cascudo, em sua obra “Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará” (1984), define Leandro Gomes de Barros como o pai, precursor do cordel. Mas fica a questão: Quem é este “literato” popular? Como recebe este título?

Leandro Gomes de Barros (L.G.B.), nascido em 19 de novembro de 1865, na Fazenda da Melancia, no município de Pombal (Paraíba), foi educado pela família dos proprietários da fazenda. Acabou sendo adotado por esta família a qual mudou-se para a Serra do Teixeira (Paraíba), que se tornaria o berço da literatura cordelista. Neste local, Leandro permaneceu até os quinze anos de idade, rodeado de vários cantadores e poetas ilustres, como por exemplo, Nicandro Nunes da Costa, Bernardo Nogueira e Romano Mãe d’água.

Do Teixeira vai para Pernambuco e fixa residência primeiramente em Jaboatão, onde morou até 1906, depois em Vitória de Santo Antão e, a partir de 1907, já com seus quarenta e dois anos, passa a residir em Recife, imprimindo a maior parte de sua obra poética no próprio prelo ou em diversas tipografias. Passa a sobreviver e sustentar a esposa Venustiniana Eulália de Barros (casados desde 1889) e seus quatro filhos (Rachel, Eroildes, Julieta e

Esaú) estritamente com a venda dos seus cordéis, por isso viajava constantemente. Nestas viagens, divulgava sua arte, comercializava seus livretos e coletava novas histórias as quais posteriormente alicerçavam o imaginário do nosso poeta. Seu falecimento ocorreu em 04 de março de 1918, por causa desconhecida (FCRB, 2015).

Pode-se dizer que a Serra do Teixeira configurou-se no que Massey (2007) aponta como um “espaço intelectual”, cuja característica principal é o compartilhamento de repertórios que subsidiam um grupo de intelectuais, no caso de Leandro Gomes de Barros, partícipe da “Escola do Teixeira”. Abreu (1999) informa que a “Escola do Teixeira” agrupou diversos poetas populares improvisadores que viveram na Serra do Teixeira, pertencente ao Planalto da Borborema, acidente geográfico localizado entre a Paraíba e Pernambuco, que assinala a separação entre o litoral e o sertão, conformando uma região de transição chamada de agreste.

A vivência obtida na “Escola do Teixeira” fez com que Leandro Gomes de Barros e outros cordelistas investissem na concretude de sua produção artística através da comercialização e veiculação de folhetos, sendo L.G.B. o primeiro cordelista a viver exclusivamente de sua arte. Como já observado, Barros possivelmente foi também o primeiro a unir a tipografia com a impressão das suas próprias narrativas, trazendo em suas impressões uma outra discussão, muito custosa para a produção literária popular, que é a assinatura de autoria das narrativas (BRITO, 2009).

Batista (1955) publica a descrição que o próprio Leandro Gomes de Barros fez dele mesmo:

A cabeça um tanto grande e bem redonda  
O nariz afilado e um pouco grosso  
As Orelhas não são muito pequenas  
Beiços finos e não tem quase pescoço  
A fala um pouco fina, a voz sem somatório  
De cor branco e altura regularidade  
Pouco barba, bigode fino e loiro  
Cambaleia um tanto ou quanto no andar  
Olhos grandes bem azuis da côr do mar  
Corpo mole mas não é tipo esquisito  
Todo mundo acha êle muito feio

A mãe dêle quando viu achou-o bonito. (BATISTA, 1955, p.1)

Com relação à sua produção poética, trarei as palavras do brasileiro Curran (1968, p. 58), que afirma: “A classification of Leandro’s poetry is as difficult as that for the entire Literatura de Cordel because his works include all the types which appear”<sup>5</sup>. Mesmo afirmando que há dificuldades em classificar, há muitos estudiosos, e ele cita o Cascudo e Ariano Suassuna, que tentam classificar a produção do poeta Barros. Para este trabalho, traremos o esquema do Suassuna, presente na obra de Curran (1959, p. 54).

	Romance
	Pelejas
Formas	ABCE’s
	Canções
	Família de Sextilha
Estrofes	Família de décima
	Outras estrofes
Grupo de Poesia de Composição	Heroico
	Do Maravilhoso
	Religioso e de Moralidade
	Cômico, satírico e picaresco
Ciclos	Histórico e Circunstancial
	De Amor e Fidelidade

A classificação do pesquisador e poeta Ariano Suassuna em relação à obra do Leandro Gomes de Barros aponta a diversidade de temas e formatos da produção literária desse cordelista. Todavia, ao enquadrar um determinado

---

5 Tradução livre “Uma classificação da poesia de Leandro é tão difícil quanto para toda a Literatura de Cordel, porque suas obras incluem todos os tipos que se conhece”.

cordel em uma ou outra classificação, perde-se a totalidade da escrita e de suas potencialidades interpretativas. Para esta pesquisa, o critério de seleção dos cordéis foi de ordem aleatória, tendo exclusivamente a presença destes textos no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), cuja autoria foi atribuída ao L.G.B. Esses cordéis estão digitalizados no acervo desta fundação e a sua narrativa contem início, meio e fim.

## 2.2 CORDEL: MEIO IMPRESSO DE COMUNICAÇÃO

A literatura popular foi utilizada durante muito tempo como um importante veículo de comunicação de massa, já que era consumido por um segmento social específico, possuía formato editorial barato em que os leitores/cidadãos atualizam-se dos acontecimentos e eventos da sociedade a partir das histórias, então o intuito destas narrativas era não só divertir, mas também informá-los (MATOS, 2007).

Em relação ao cordel como mídia informativa, destacam-se os estudos do pesquisador e escritor Orígenes Lessa, que escreveu como o cordel funciona como meio jornalístico. Afirma ele:

Os desastres, as inundações, as secas, os cangaceiros, as reviravoltas da política alimentam o caráter jornalístico dessa produção que sobe a constitui centenas de títulos por ano. O bom crime é a alegria do poeta. [...] Juscelino, Jânio, Jango botaram feijão em muitas mesas de poeta. (LESSA, 1955, p.16)

Em 1960, um grupo de pesquisadores liderados pelo diretor do Centro de pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa, o professor de Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro Thiers Martins Moreira, juntou esforços dos escritores Manuel Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa e do antropólogo social Manuel Diégues Júnior (1986), motivando essa fundação a criar uma coleção de cordel, resgatando o que dela restara no Nordeste. Proença foi autorizado a comprar os cordéis originais que encontrasse, surge assim o acervo de cordel da Casa de Rui Barbosa. A fundação não nasce com o intuito de somente colecionar cordéis, mas também de divulgar obras desse tipo de poesia (FCRB, 2015, TERRA, 1983; SORÁ, 1997).

Thiers Martins Moreira no prefácio da primeira grande antologia impressa no Brasil, em 1964, afirmava a funcionalidade do centro de pesquisa e a importância da Casa de Rui Barbosa:

se acha vivamente empenhado nesse trabalho, em virtude de sua importância literária e de linguagem e em virtude, ainda, da contribuição que apresenta para o conhecimento histórico e social do povo brasileiro. [...] Ver-se-á um dia que para história ou para a sociologia aí se encontra uma das mais ricas fontes. (FCRB, 2015)

Devido às especificidades de temas, de escrita e de público leitor, o cordel produzido pelos poetas do século XIX, entre eles Barros, é um fenômeno estritamente autóctone que nada tem a ver com os trovadores medievais, neste sentido não constituindo como “cópias” dos “Pliegos sueltos” espanhóis e das “Folhas volantes” portuguesas (HAURÉLIO, 2007). É válido mencionar que o Thiers, em 1964, já prevê o grande potencial histórico e sociológico destas narrativas populares.

Em sintonia com o desenvolvimento artístico no agreste e no litoral pernambucano, transformações materiais, econômicas, sociais e políticas ocorridas na segunda metade do século XIX geraram um crescimento e diversificação nos espaços públicos, principalmente nas grandes metrópoles do país. A grande cidade era o palco de atenção, constituindo-se o meio-ambiente fundamental para a formação do ser humano. A cidade neste tocante representava, por um lado, o símbolo do moderno e, por outro, ocasionava ameaças e ansiedade. Recife, neste contexto, decola como a “Veneza nordestina”, símbolo na época de sofisticação e elegância. As metrópoles brasileiras, entre elas Recife, abalavam antigos e enraizados usos e costumes de grupos sociais e, nesse contexto, os literatos propunham estabelecer uma “ordem”, apontando para um “correto” entendimento dos rumos tomados pela sociedade, em vias de modernização e civilidade. Havia uma crença um tanto generalizada de que o escritor – o “homem-de-letras” – era o principal portavoz de um ideal de modernidade, um difusor de padrões civilizatórios de conduta (Candido, 1961).

Lembremos que o projeto de civilidade e modernização foi gestado no país com a chegada da família real portuguesa em solo brasileiro, por volta da primeira década do século XIX. A capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, torna-se “alvo” deste projeto na segunda metade do mesmo século, especialmente com a instauração da República Brasileira a partir de 1889. Tal projeto envolvia, entre outras propostas: a retirada da população menos favorecida do centro e realocação para regiões mais remotas da cidade, construção de avenidas, vacinação da população. Carvalho (1998) sinaliza que este projeto de civilidade/modernização não foi tão interessante, especialmente para a grande parcela da população, que se viu marginalizada e fora deste ideário de desenvolvimento, alocada em locais longes do centro, o que se denomina de periferia.

No nordeste brasileiro, especialmente em Recife (capital do estado de Pernambuco), o que se nota, neste período, além das transformações urbanas, na paisagem da cidade, a população passa a perceber as modificações da política, particularmente a partir de 1889, com a queda do governo imperial e a chegada da tão sonhada República Parlamentarista do Brasil. Este sentimento patriótico varre não só Recife, mas todo o país, especialmente entre as autoridades políticas, que viam neste novo modelo estatal o início dos novos tempos para o país, mesmo que coexistissem com algumas práticas regionais, a exemplo do poder dos coronéis, o coronelismo (ALBUQUERQUE JR., 2001; GRILLO, 2005; HOFFNAGEL, 2010; INOJOSA, 1969; LUCENA, 2015; MAYA, 2012; NASCIMENTO, 1967).

Conforme dito acima, mesmo que a constituição do cordel seja um amalgamado de letra e voz, para esta pesquisa, ataremos-nos ao texto escrito, especialmente como esta narrativa escrita sinalizou os acontecimentos modernos e civilizatórios do projeto de sociedade instaurado na Primeira República no nosso país. Com isso, fez-nos entender que o cordel, particularmente o de Leandro Gomes de Barros, não tinha só a finalidade de diversão, havia em suas narrativas também a preocupação deste autor de informar, deixar os seus leitores em sintonia aos fatos que rondavam a região e o país.

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

As representações através das obras literárias são objetos de análise que contribuem para a compreensão do contexto sociocultural e político, no qual a obra foi confeccionada. De acordo com Bauer (2002), “os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam” (Bauer, 2002, p. 189). O autor evidencia duas coisas: a produção textual pode apontar reflexões sobre as contradições da vida social e, por outro lado, segue atento às mudanças cotidianas. A partir deste prisma, pode-se entender que a produção escrita não seria uma mera abstração dos literatos e sim um amálgama dos dois elementos, contexto social e texto.

Recortando este universo literário para a produção de cordel, um recurso usado pelo cordelista para prender a atenção do leitor foi, e ainda é, a escrita seguindo uma melodia, uma rima e métrica, denominado aqui de argumentação melódica ou cantada. Este fazer poético remete-se à produção literária oralizada, dos antigos trovadores medievais, hipótese levantada por Matos (1986). Já pelo “termo argumentação, refere-se a uma atividade verbal ou escrita que consiste em uma série de afirmações com o objetivo de justificar, ou refutar, determinada opinião, e persuadir uma audiência” (LIAKOPOULOS, 2002, p. 219). Considerando um universo de leitores analfabetos ou semialfabetizados, a melodia aponta para um recurso que facilita a partilha do pensamento, da história, contribuindo significativamente para a construção de uma opinião sobre determinado assunto ou fenômeno tratado na narrativa.

Nesse aspecto, pode-se dizer que o cordel contribui para a formação da opinião pública. Ao procurar entender a opinião como algo público, Carlos Cossio (1985) sinaliza a opinião pública como “qualificada”, pois se traduz em “princípios” norteadores para a vida em sociedade. Tal pressuposto é endossado pela presente pesquisa. Ou seja, a narrativa cordelista constitui-se como “opinião pública”, pois representa valores e princípios tidos como modernos e republicanos no Brasil do início do século XX.

Para Cossio (1985), a “opinião pública” consolida-se em momentos históricos específicos, revelando representações coletivas a respeito de um fenômeno narrado, justificando uma opinião potencialmente pública, conforme se observa no trecho abaixo:

[...] na medida em que se trata de uma autoconsciência, ou seja, de um conhecimento reflexivo que se pode raciocinar e que se transmite pelo raciocínio, há na opinião pública um inegável caráter intelectual que o reafirma suave e simplesmente como conhecimento [...]. Sendo conhecimento, não é de estranhar que a opinião pública se remeta a uma coisa que se faz valer como princípios (COSSIO, 1985, p.39).<sup>6</sup>

O conhecimento reflexivo, oriundo da opinião pública, leva-nos a interpretar a produção poética nordestina – o cordel – como uma forma de representação do pensamento da época. O cordelista, autor da literatura de cordel, representaria esta “voz” popular acerca dos fenômenos e das experiências de vida do nordestino. Neste sentido, o literato teria uma missão de guardar as memórias daquele grupo social, como também comunicar sobre fenômenos intrínsecos ou extrínsecos ao grupo (D’OLIVO, 2010; GONÇALVES, 2011; SPIVAK, 2010).

### 3.1 A CATALOGAÇÃO DOS CORDÉIS

De acordo FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa), no Brasil, há sete cordelistas<sup>7</sup> que compõem a primeira geração de cordelistas e, para esta pesquisa, foi escolhido, como já enfatizado, Leandro Gomes de Barros (1865-

---

6 Trecho: “Pero em la medida en que se trata de una autonciencia, es decir, de un conocimiento reflexivo que se puede razonar y que se transmite por razonamiento, hay em la opinión pública un innegable carácter intelectual que la refirma lisa y llanamente como conocimiento [...]. Siendo conocimiento , no es de extrañar que la opinión pública se remita a cosas que hace valer como principios”.

7 Em ordem alfabética: Antonio Ferreira da Cruz (1876 - ?, PB), Francisco das Chagas Batista (1882-1930, PB), João Melquíades Ferreira da Silva (1869 - 1933, PB), José Camelo de Melo Resende (1885 – 1964, PB), Leandro Gomes de Barros (1865-1918, PB), Severino Milanez da Silva (1906-1956/1957, PE) e Silvino Pirauá de Lima (1848-1913, PB).

1918, PB)<sup>8</sup>, dentro do universo de cento e dez cordéis a ele atribuídos, sendo os mesmos podendo ser completos ou incompletos. Para a presente dissertação, foi constituído um *corpus*<sup>9</sup> de cinquenta e seis cordéis completos (narrativas que contenha início, meio e fim), digitalizados pelo acervo da FCRB<sup>10</sup> e que, posteriormente, tiveram que ser digitados devido à falta de reconhecimento das palavras pelo *software* usado na pesquisa.

Sobre a FCRB, ela tem sede no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Configura-se como uma instituição pública federal, vinculada ao Ministério da Cultura, a qual oferece um espaço reservado ao trabalho intelectual, à consulta de livros e documentos, e à preservação da memória nacional (especialmente em arquivos e produção científico sobre o jurista Rui Barbosa), política cultural, história e cultura da civilização brasileira, entre outros assuntos correlatos à questão nacional.

De acordo com o site da FCRB (2015),

O Acervo de Literatura Popular em Versos da Fundação Casa de Rui Barbosa, o maior da América Latina, atualmente com mais de 9.000 folhetos de cordel, foi formado a partir da década de 1960 e, dessa iniciativa, resultou uma extensa bibliografia, composta de catálogos, antologias e estudos especializados. (FCRB, 2015)

O acesso ao material digitalizado foi feito mediante consulta ao banco de dados da fundação, pela própria página do “Projeto de Literatura Popular em Verso”, ao qual abriga a digitalização desses cordéis. Este acervo compõe como uma das primeiras do nosso país a se ater à conservação, restauração e

---

8 O cordelista Leandro Gomes de Barros destaca-se dos demais literatos da 1ª geração de cordelistas, pois é o que possui maior número de cordéis digitalizados pela FCRB, total de 110 folhetos. É o único entre os demais a construir sua tipografia e, com isso, publica seus próprios folhetos. Por fim, este autor possuiu uma preocupação em datar e assinar os folhetos, sendo por isso de mais fácil identificação e percepção do contexto histórico da narrativa. Além de ser considerado pelos pesquisadores e cordelistas como o “Rei do Cordel”.

9 Sobre o *corpus* da pesquisa Bauer (2002), sinaliza que embora ele “esteja aberto a uma multidão de possíveis questões, a AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa” (Bauer, 2002, p.199).

10 Acervo digitalizado nesta página: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>.

preservação dos cordéis. Conforme apontado no site da Fundação em relação aos cordéis, “faz se necessário garantir sua preservação contra o desgaste do tempo e do manuseio, submetendo-se à coleção a tratamentos técnicos e tecnológicos específicos, assegurando-se a restauração” (FCRB, 2015).

A abordagem feita deste material foi qualitativa, através da Análise de Conteúdo (AC). De acordo com Bauer (2002), a abordagem qualitativa, utilizada no caso desta pesquisa, o próprio fazer literário, a partir das representações presentes no texto, pode apontar um relacionamento entre autor e seu público leitor, interlocução entre os acontecimentos históricos e sociais da época. Bauer (2002) classifica a AC como mista, pois seus recursos flertam em relação à abordagem qualitativa e quantitativa concomitantemente. De acordo com isso:

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos "tipos", "qualidades", e "distinções" no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. (Bauer, 2002, p. 190)

A AC tende a diminuir a complexidades de um aglomerado de textos através de uma ordenação sistemática de codificadores e recodificadores. Neste sentido, a AC deve se subordinar à teoria do pesquisador e ao fenômeno pesquisado. Há diversas interpretações possíveis dentro de um *corpus* investigativo, quando se usa a AC, a lente teórica utilizada pelo pesquisador definirá o que fazer com os dados e os achados da pesquisa. Neste tocante, a AC “traça um meio caminho entre a leitura singular verídica e o ‘vale tudo’, e é, em última análise, uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social” (*op. cit.* p. 191).

Bauer (2002) ainda aponta:

Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos. Se enfocarmos a fonte, o texto é um *meio de expressão*. Fonte e público são o contexto e o foco de inferência. Um *corpus* de texto é a representação e a

expressão de uma comunidade que escreve. Sob esta luz, o resultado de uma AC é a variável dependente, a coisa a ser explicada. Em outras palavras, a AC e pesquisa de opinião pública com outros meios. (BAUER, 2002, p. 192)

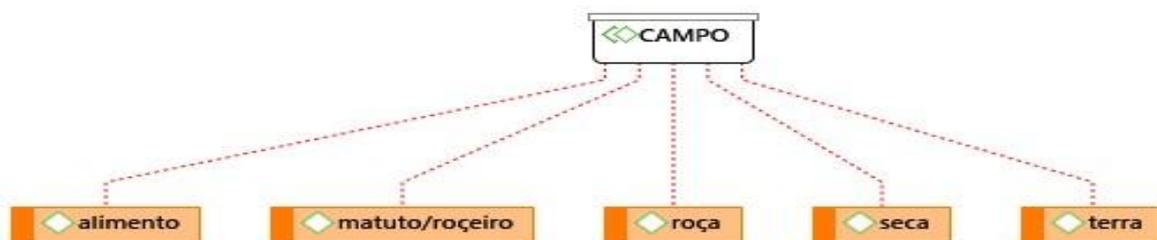
Conforme afirma este autor, a aceitação ou não do público sinaliza a importância e perpetuação de valores narrados nas histórias dentro do imaginário social. Novamente Cossio (1985) aponta as diretrizes de uma opinião pública, uma vez que se entende a poesia destes literatos, especialmente a escrita de Leandro Gomes de Barros, como influenciadora e transmissora de valores da moral social e cultural da época vigente.

O pressuposto teórico usado para criação dos códigos/categorias e análise desde dados foram decorrentes da investigação histórico sócio-político em torno do período da 1ª República do Brasil (1889-1930), também denominado de República Velha. Neste sentido, o uso do *software* Atlas Ti (em sua versão 8) auxilia na análise qualitativa, uma vez que a mesma comporta grande *corpus* de dados gráficos, textuais, vídeo e áudio. O Atlas Ti possui ferramentas sofisticadas que ajudam a organizar, remontar e gerir o material de forma criativa e sistemática.

Foram transcritos todos os cordéis, decorrentes da baixa resolução da digitalização presente no site da FCRB, o que resultou a não leitura textual dos arquivos presentes na página da internet da FCRB pelo *software*, Atlas Ti. A relação dos cordéis que compuseram o *corpus* da pesquisa encontra-se listados no Anexo A.

### 3.2. ANÁLISE DOS CORDÉIS

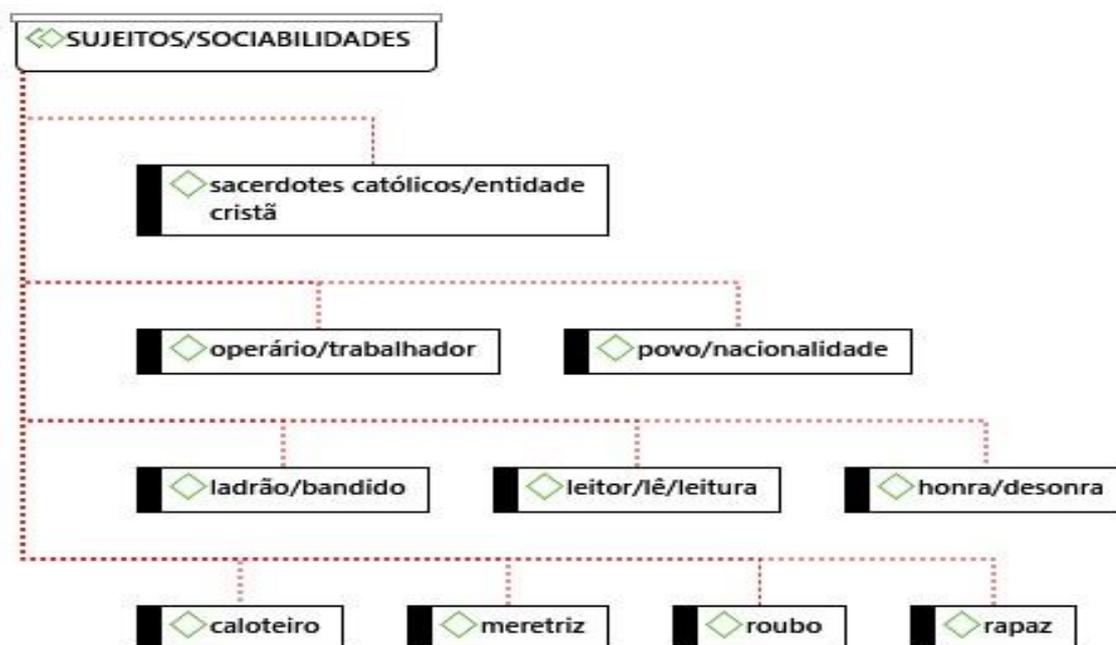
Através da leitura dos cordéis (código *in-vivo*) e dos estudos teóricos que retratam e analisam os aspectos históricos, sociais e políticos da época (final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX), foram estabelecidas cinco categorias de análise, as quais se subdividem em códigos, estabelecendo-se um sistema de representações quanto à recente república brasileira, que serão expostas abaixo:

a) Categoria **Campo**

Legenda 1: Rede semântica da categoria Campo.

b) Categoria **Cidade**

Legenda 2: Rede semântica da categoria Cidade.

c) Categoria **Sujeitos/Sociabilidades**

Legenda 3: Rede semântica da Categoria Sujeitos/Sociabilidades.

Estas três categorias apontam aspectos da **Civilidade**. Já as duas categorias abaixo, formam o que será compreendido como representações do campo da **Primeira República e Modernização**, sendo elas:

d) Categoria **Projeto de Nação**



Legenda 4: Rede semântica da Projeto de Nação.

e) Categoria **Relações Exteriores (I Guerra Mundial)**



Legenda 5: Rede semântica das Relações Exteriores (I Guerra Mundial).

As redes representadas acima foram construídas ao longo do percurso desta dissertação, levando-se em consideração o diálogo constante entre a teoria e empiria. Neste sentido, os códigos presentes nas redes foram frutos deste entrelaçamento, a narrativa literária e os textos acadêmicos. Após expostos as redes semânticas, serão agora apresentadas as nuvens de















A mesma categoria Cidade através do código transporte resultou este achado:



Legenda 14: Nuvem de palavras decorrente do código transporte, categoria Cidade.

O código comércio destacado na nuvem (legenda 11), percebe-se que as palavras “mercado”, “freguez”, “vender”, “comprar”, “vendo”, “fiado”, “negocio”, em suma, são vocábulos que remetem ao consumo. Desta miscelânea de palavras, percebemos a incorporação das práticas econômicas liberais com a estipulação da compra e venda, assim da linha como de crédito, denominado de “fiado”, que nas classes menos favorecidas é utilizado como uma manobra econômica de adquirir o produto sem a necessidade do dinheiro imediato, a negociação é intermediada pelo valor da mercadoria e a índole do comprador diante do vendedor, tal prática é extremamente recorrente no sertão nordestino (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001).

Já o que se refere ao código moradia – local público (legenda 12), o vocábulo destacado ao centro da nuvem foi “casa”, tendo também aparecido palavras como “palácio” e “fortaleza”, de acordo com Matos (1986), o processo inventivo e imaginativo é extremamente recorrente na escrita dos cordéis com histórias de princesas, dragões, “palácios” e “fortaleza”, entretanto houveram

nos cordéis de Leandro Gomes de Barros um predomínio da palavra casa, tendo em diversos contextos um sentido imaginativo.

Em relação ao profissional liberal (nuvem 13), o pescador aparece como a citação mais recorrente dos textos literários analisados, acrescido de “capitão”, “médico”, “advogado” e “juiz”. Destaca-se a presença da “meretriz”, como uma profissão instituída na cidade e posteriormente atrelada ao imposto. Nesta nuvem existe a presença do “boticário”, sujeito conhecedor de ervas e fórmulas medicinais, o que pode ser comparado como antecessor do farmacêutico. Conforme apontado por Carvalho (1998), os profissionais liberais tomam corpo no nosso país a partir do período imperial, após a chegada da corte portuguesa as terras tupiniquins, já que a família real e os europeus vindos com ela tinham demandas, como por exemplo o desenvolvimento artístico e literário que não havia profissionais no Brasil. Então, a diversidade de profissões acentuaram neste contexto sociopolítico brasileiro.

A conexão entre a cidade e o campo também está presente na nuvem de nº 14 (código transporte), destaque para: “barco”, “navio”, “cavallo”, “burro” e “poldro”; e, em segundo plano, “trens”, “carro”, “jumento”, “vapor”. Pode se interpretar que dentro do contexto social do Leandro Gomes de Barros, Recife do começo do século XX, em relação ao transporte, percebe o convívio entre o moderno e o tradicional, haveria com isso uma concomitância entre os meios de transportes atrelados ao mundo rural (exemplo: “cavallo”, “burro”, “jumento”) e os que iniciavam com a chegada da modernidade do nosso país (“barco”, “navio”, “trens” e “vapor”).

De acordo com o fragmento do cordel “A festa de mercado do Recife”, constatamos:

E foi o povo esperando  
Até que um dia chegou,  
Então todo Estado em peso,  
De uma vez se alvoroçou,  
A praça não coube gente,  
O povo estava contente,  
Que alguém de alegre, chorou. (Cordel “A festa de mercado do Recife)



Destaca-se da nuvem dois papéis sociais que estão alicerçados em instituições sociais bem distintas: uma é o vocábulo “povo” associado ao contexto institucional republicano da época; e a segunda vertente de palavras formadas por “bispo”, “padre”, “deus”, “frade”, “vigário”, cuja presença sinaliza que apesar do investimento político e intelectual da época de separação entre Igreja e Estado, no contexto da produção e recepção dos cordéis, ainda há presença de autoridades religiosas católicas no cotidiano das pessoas, conforme denomina Carvalho (1998), os “bestializados”.

A relação da religião com o estado republicano fica mais evidente nesta figura, decorrente do código: sacerdotes católicos/entidade cristã.



Legenda 16: Nuvem de palavras decorrente da categoria Sujeito Sociabilidades, código de sacerdotes católicos/entidade cristã.



cordéis de Barros, com a carestia de vida e patriotismo. O aumento dos preços dos alimentos e do custo de vida não fora só algo específico de Recife do começo do século XX, tal situação também aparece na capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, conforme aponta o texto de Artur Azevedo (publicado em 1892), intitulado “O Tribofe”:

Das algibeiras some-se o cobre,  
 Como levado por um tufão:  
 Carne de vaca não come o pobre,  
 Qualquer dia não come pão.  
 Fósforos, velas, couve, quiabos,  
 Vinho, aguardente, milho, feijão,  
 Frutas, conserva, cenouras, nabos...  
 tudo se vende pr'um dinheirão! (CARVALHO, 1998, p. 21)

A categoria **Sujeito Sociabilidade**, em suma, fornece pistas para entendermos como fora representando os papéis sociais atribuídos ao povo através da configuração das esferas de dominação, apontada por Carvalho (1998), Igreja e Estado Republicano tendo tido ambos, coexistido no final do século XIX e início do século XX na cultura popular. Neste aspecto, demonstrando um cenário não tão efetivado do projeto de modernidade que pressupunha um cisma entre Estado e Igreja.

A relação entre Igreja e o cotidiano das pessoas pode ser percebido neste fragmento do cordel “Discussão do vinho com a aguardente”:

A aguardente disse: o padre  
 Depois da missa acabada.  
 Chega em casa vai à mesa  
 Encontra um panelada  
 [--] a ama fulana  
 Comprasses a immaculada? (Cordel “Discussão do vinho com a aguardente)

Nesse cordel, Leandro Gomes de Barros deixa evidente sobre o que vai à mesa da população, acompanhando as refeições do dia-a-dia, é a aguardente e não o vinho, que mais à frente, no cordel, ele sinaliza representação “do Corpo e do sangue de Deus”, um discurso de gênese cristã.

Além desta dicotomia presente nas nuvens (16 e 17), relações institucionalizadas pela Igreja Católica e concomitantemente as relações burocráticas estipuladas pelo sistema republicano, esta categoria Sujeito/Sociabilidades presente neste trabalho, dentro do aspecto Civilidade, também apontou algo em relação ao tratamento com a leitura, o que foi pontuado no código leitor/lê/leitura, gerando a nuvem abaixo:



Legenda 18: Nuvem de palavras decorrente da categoria Sujeito Sociabilidades, código leitor/lê/leitura.

O processo de leitura e escrita era utilizado por poucos naquele período, uma vez que o processo de escolarização universal só se iniciou na segunda década do século XX, no Brasil (BOTELHO, 2002). Mesmo sendo algo restrito do grande público, a palavra escrita representada pela “carta”, “livro” e também pelo “leitor” aponta para uma dimensão de conexão do mundo popular com este novo elemento da comunicação, a escrita.

Conforme sinalizado anteriormente, as narrativas populares dentro do contexto de fim do século XIX, além de entreter, também era usado como instrumento de informação e comunicação dentro das camadas populares. Existiram cordéis específicos do Leandro Gomes de Barros relatando a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), demonstrando o processo de

transmissão e divulgação de conteúdos através da literatura popular, a exemplo do cordel “As aflições da Guerra na Europa” (LC6055).

As três categorias aqui expostas: **Cidade**, **Campo** e **Sujeito/Sociabilidades** fornecem pistas para entender o processo de **Civilidade** de costumes, hábitos, representações simbólicas de um imaginário social transposto pela literatura popular, o cordel. Esta análise coaduna com o pensamento de Lima (1999), quando aponta que o entendimento sobre construção da “intelectualidade” brasileira do início do século XX, antes da institucionalização das Universidades de Ciências Sociais no nosso país, tenta entender como que os discursos sobre o sertão nordestino foram construídos, através de quais repertórios. Neste tocante, a autora pretende discutir o “contraponto entre barbárie e civilização, chave usual a partir da qual são analisados contrastes semelhantes aos representados na dicotomia litoral/sertão” (LIMA, 1999, p. 35).

Esta produção literária popular, o cordel, fora durante muito tempo delegado o status de uma literatura menor, sem valor, atrelado ao universo não civilizado, todavia este trabalho agrupa-se a de muitos outros pesquisadores, intelectuais que sinalizam que o litoral, para este trabalho, é representado nos romances analisados por Antonio Candido, não é oposto ao sertão e nem contrário. Estes dois espaços geográficos produziram e ainda produzem formas genuínas de experienciar a vida em sociedade, neste sentido apontam caminhos civilizatórios distintos.

Continuando no entendimento dos procedimentos modernos instaurados no nosso país, a partir do fim do século XIX, temos a **Primeira República e Modernização**, em que ataremos a dimensão das metamorfoses do aparato estatal brasileiro: com as categorias **Projeto de Nação** e **Relações Exteriores (I Guerra Mundial)**.

Utilizamos a categoria **Projeto de Nação**, já que, de acordo como Alonso (2002), os intelectuais brasileiros da geração de 1870 estavam em sua maioria engajados em mostrar caminhos de modernização do nosso país. É válido salientar que este grupo tratado por Alonso (2000) não compreende os







República Brasileira. Ao aprofundar esta nuvem, observa-se a supremacia da patente almirante, cargo da Marinha Brasileira, com isso há uma presença maior nos cordéis analisados da marinha quando comparado ao exército e a não referência à aeronáutica. A proteção das fronteiras marítimas é uma grande preocupação, especialmente demonstrada no cordel “As afflições da Guerra da Europa”, que relata a Primeira Guerra Mundial. Narrativa feita pelo Leandro Gomes de Barros a partir dos acontecimentos da Guerra, conforme o trecho do cordel presente abaixo:

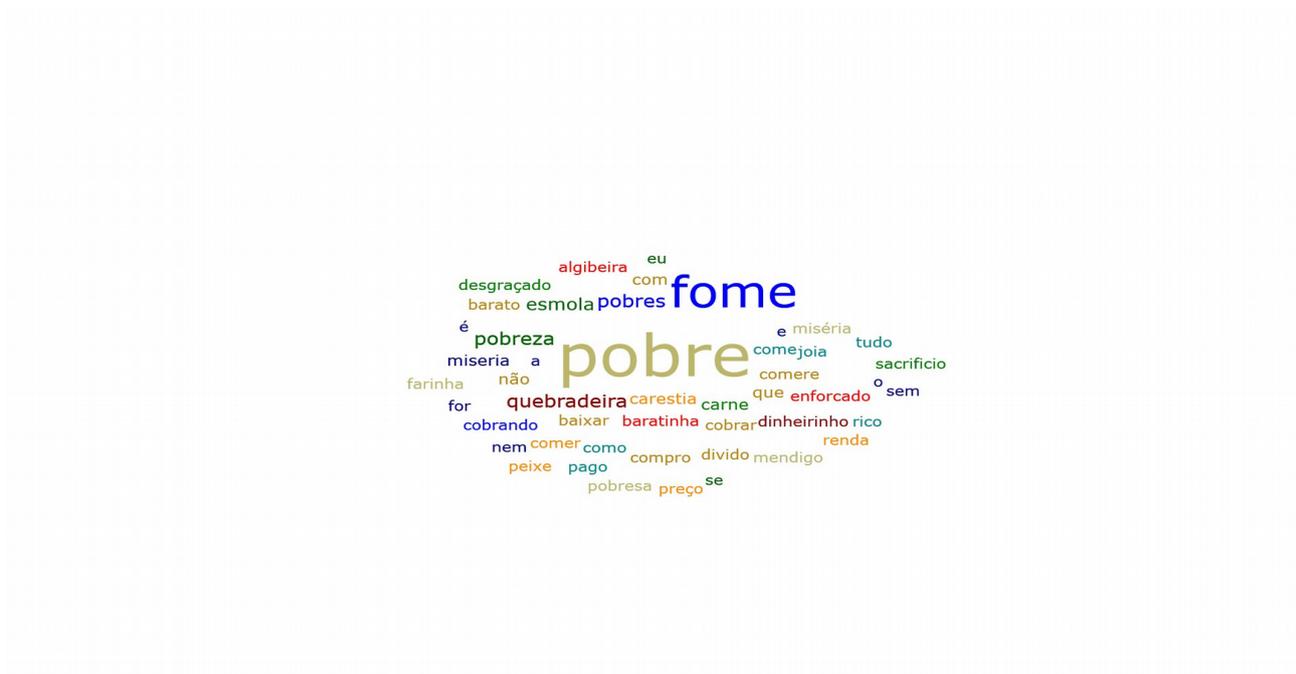
Os turcos guardam o Estreito,  
França ataca pelo centro  
A Alemanha de fora  
Grita ao inimigo: eu entro  
Porque alemão só morre  
Depois que estiver de dentro.

Diz Alemanha eu sou urso  
Diz Rússia eu sou um gigante  
Diz a America do Norte  
Eu sou maior que elephante  
E todos peçam a Deus  
Que um dia eu não me levante. (Cordel “As afflições da Guerra da Europa”)

A narração dos acontecimentos ocorridos durante a Guerra sinaliza a dimensão jornalística do cordel. Este entendimento reforça que a literatura popular aqui representada pela escrita exemplar do Leandro Gomes de Barros não só era usada para divertir, entreter o público leitor, era também usado para informar sobre fatos locais, nacionais e no caso deste cordel acima exposto, um fenômeno internacional.

Continuando a exposição das nuvens das palavras mais relevantes da categoria Projeto de Nação, apresentaremos o código cadeia-prisão abaixo:





Legenda 23: Nuvem de palavras decorrente da categoria Projeto de nação, código carestia de vida.



Legenda 24: Nuvem de palavras decorrente da categoria Projeto de nação, código dinheiro.

A partir destas duas dimensões (carestia de vida e dinheiro), pode entender as condições materiais de existência, cuja presença é de fácil percepção nas histórias de Leandro Gomes de Barros, então conforme aponta Candido (1961), a produção textual conecta público, obra e autor. As mazelas que o público leitor de cordel, em sua maioria analfabetos ou semialfabetizados (BOTELHO, 2002), estavam passando compuseram as narrativas de Leandro, por isso os vocábulos “pobre”, “pobreza”, “fome”, “dinheiro”, “contos” e “reis” são tão significativos dentro dos cordéis que compuseram o *corpus* desta dissertação.

De acordo com Carvalho (1998), a população “bestializada”, potencialmente os leitores de cordel, não estava preocupada com os avanços arquitetônicos, urbanísticos, de transporte e nem da comunicação aos quais os centros urbanos passavam paulatinamente com a instauração do governo republicano em nosso país. Para Carvalho (1998), a população mais carente possuía sua atenção, na obtenção de meios de sobrevivência diante dos altos impostos sobre os alimentos, a especulação imobiliária nos centros urbanos, a carestia sobre os serviços médicos e os baixos salários ofertados pelos subempregos nas cidades.

Com isso, os cordéis do Leandro Gomes de Barros caracteriza um Projeto de nação excludente, em que o governo republicano recém instaurado mais parecia uma simples transfiguração do regime anterior (o Império), pois normatiza o aparato jurídico e da guarda nacional (as forças armadas) e pouco se fazia em torno da carestia de vida e da monetarização das relações sociais dentro do espaço urbano, particularmente a cidade de Recife do final do século XIX e início do século XX, espaço urbano das narrativas do Leandro.

A insatisfação era tão grande pelo novo regime político, que fica evidente no trecho do cordel “O governo e a lagartixa contra o fumo”:

Então dizia: esse imposto,  
E' um mal que se não para  
Além de já ter pagado  
Uma collecta tão cara  
O diabo de um fiscal  
Chegou aferiu-me a vara. (Cordel “O governo e a lagartixa  
contra o fumo”)









A densidade das palavras “morto”, “morte”, “morreu”, “morrer” potencialmente sinalizam desdobramentos dos vocábulos “guerra”, “espada”, “cavalleiros”, “sangue”, “batalha”. Nesta constelação de expressões, as Relações Exteriores da incipiente República são margeadas pela “guerra” e pela “morte”. Carvalho (1998) aponta para um sistema de representação que constrói uma identificação com a batalha, a guerra, como um mecanismo de defesa à pátria, algo que também podemos ver no trecho do cordel “O tempo de hoje”:

Antes de haver esta guerra  
O mundo éra sonho dourado,  
A carne custava pouco,  
O bacalháo quase dado,  
Assucar ninguem queria,  
Café moído era achado.

A Guerra chegou,  
Bacalháo damnou-se,  
A carne acabou-se  
Tudo piorou,  
Fava levantou,  
Vejam como está  
Carne Ceará  
Trez mil reis o kilo!  
E é mesmo aquillo  
Batata e cará. (Cordel “O tempo de hoje”)

O fragmento acima refere-se às consequências da Guerra, devido à data de publicação da história (RECIFE, 4 DE MARÇO DE 1918) e às descrições ao longo do texto, o Leandro Gomes de Barros relacionava as consequências da I Guerra Mundial com a vida da população, particularmente referente à falta ou aos poucos alimentos disponíveis com um preço acima da média.

Com esta configuração apontada pelas nuvens de palavras geradas das cinco categorias (campo, cidade, sujeitos/sociabilidades, projeto de nação e relações exteriores), relacionando particularmente as relações exteriores ao noticiário da I Guerra Mundial e de seus impactos sobre o cotidiano das pessoas. Assim como também referentes aos dezoito códigos que auxiliaram na configuração do sistema de representação em relação ao contexto sócio-histórico e político do período finissecular XIX nos cordéis de Leandro Gomes

de Barros fora marcado pelo rompimento das relações entre campo e cidade, a supremacia dos papéis burocráticos do Estado, a modernização das relações com o mecanismo da leitura.

Ainda se vê a pauperização do homem urbano, uma presença acentuada dos transportes de tração animal (a exemplo do cavalo) nas cidades, a inicialização da monetarização do comércio entre os transeuntes e a gênese de um sentimento ufanista, patriótico, mesmo que descrente desta tal “República”. Os “bestializados” descritos por Carvalho (1998) não compõem um cenário de passividade aos acontecimentos socioculturais e políticos que margeavam o cotidiano daquele período. De acordo com os cordéis analisados, Leandro Gomes de Barros estava bem atento às mutações propostas pelo novo regime político e a população vigilante aos fatos que rondavam a Primeira República.

Então, a exposição dos cordéis de Barros confirma que a produção poética deste cordelista encontra-se em sintonia no conceito de literatura proposto por Candido (1993, 1980, 1961), ao apontar que a mesma é constituída: pelo texto, o autor e o contexto (repertório e público leitor). Conforme sinalizado pelas nuvens, através da presença e da densidade de determinados vocábulos nelas presentes, as narrativas de Gomes não tiveram o intuito de simplesmente divertir e sim ser um veículo de informação e de memória de como os fatos/acontecimentos da nascente República estavam se desenrolando no imaginário social da população “bestializada” (CARVALHO, 1998, 1990).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática docente na Educação Básica com a disciplina de Sociologia revela-se um desafio cotidiano, pois a graduação brasileira em Ciências Sociais, mesmo na modalidade de licenciatura, ainda é muito marcada pela cultura do bacharelado (SILVA, 2016). Por isso, a atividade do licenciado em Sociologia/Ciências Sociais na educação básica pode cair no erro de estar centrado em conceitos e autores, colocando a transposição didática ou o recurso didático em segundo plano. Configurando-se, com isso, uma prática docente permeada pela ciência Sociologia (preocupada com conceitos e correntes teóricas) e não a disciplina Sociologia para o Ensino Médio (focada no desenvolvimento crítico e formação cidadã estudantil). Conforme sinalizado pelas Orientações Curriculares Nacionais (Brasil, 2008 a), a disciplina Sociologia para o Ensino Médio deve visar não só a instrumentalização teórica dos discentes, mas também aproximar a realidade estudantil com as lentes de observação das Ciências Sociais através de uma análise crítica da realidade. Neste sentido, a aproximação com o objeto de investigação desta dissertação decorreu da prática docente, aproximando categorias analíticas ao cotidiano dos discentes, sendo o cordel um infalível instrumento para isso.

Através da experiência obtida como bolsista de graduação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, como professor do Ensino Médio e da atuação como tutor da Especialização em Ensino de Sociologia da UFBA, percebi que um caminho entre a construção da carreira docente da Educação Básica e a de pesquisador nas Ciências Sociais potencialmente pode ser proveniente do alinhamento da docência com o objeto de pesquisa. Assim, durante esta trajetória, pude perceber que o grande desafio para a atividade do professor de Sociologia é a transposição didática de seus conteúdos formativos, processo alicerçado pelas Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 2008a) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2008b), que direcionam a disciplina de Sociologia na Educação Básica para conteúdos das Ciências Sociais, tendo por objetivo principal a disciplina despertar o pensamento crítico e a desnaturalização de padrões sociais estabelecidos na prática escolar, ou melhor, "no chão da

escola”. Percebi que, para uma atuação efetiva em sala de aula, caberia ao docente recorrer a outros recursos, como: filmes, imagens, romances, músicas, poesias e cordéis; sendo o cordel a expressão artística analisada nessa pesquisa.

A experiência em sala de aula, a troca de informações com outros docentes que ministram a disciplina de Sociologia na Rede Pública e os marcos legais fizeram-me entender que o social pode-se valer do estudo e da análise de variadas formas de manifestações artísticas para entender a realidade, como por exemplo: a música, a imagem fílmica ou fotográfica, a literatura, entre outras linguagens artístico-culturais como instrumento para percepção da vida cotidiana, dos costumes, do pensamento e das mudanças sociais que marcam a construção de um imaginário sobre a sociedade<sup>12</sup>. Tal ideia entende as produções artísticas, de maneira ampla, como diálogos e ao mesmo tempo contribuições para a construção de nossa representatividade, através das marcas de determinados períodos históricos.

E foi este percurso acadêmico e docente que lançaram luz ao caminho no Mestrado, repercutindo decisivamente na escolha do objeto de investigação, na construção do *corpus* da pesquisa, na análise dos dados e nos achados da pesquisa. Os cordéis do Leandro Gomes de Barros foram e são usados como recurso pedagógico para as aulas de Sociologia sobre: estratificação social, mudança e mobilidade social, racismo e Sociologia no Brasil, especialmente nos temas e repertórios presentes no cenário social do século XIX.

Como qualquer trabalho de pesquisa, lacunas fazem-se presentes neste trabalho, entre elas: a não possibilidade de triangulação de fontes, como por exemplo, para captação do processo de recepção da produção literária do LGB. Outro ponto a ser visto como limitante da pesquisa foi a utilização de apenas um acervo para composição do corpus, no caso os cordéis digitalizados da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ambos os pontos foram decorrentes da não liberação deste pesquisador para o curso de Mestrado,

---

12 Imaginário social é aqui entendido como redes simbólicas, criação de cada época histórica, que sustentam e legitimam práticas coletivas (*vide* Castoriadis, 1986).

neste sentido conciliei a todo o tempo as aulas no Ensino Médio e o curso. Sei que isso não justifica as lacunas desta pesquisa, mas leva ao leitor entender um pouco da relação conflituosa estabelecida entre trabalho e mundo acadêmico.

Todavia, esta dissertação suscita vários desdobramentos, sendo os mais latentes: a construção de uma geração de cordelistas, como se nota na análise de Alonso (2000) sobre o grupo reformista de 1870; o cordel como fruto de uma ação intelectual; a dimensão pedagógica dos cordéis para as aulas de Sociologia brasileira, para o Ensino Médio; processo de editoração e de ilustração dos cordéis do século XIX, como instrumentos de popularização da palavra escrita.

A análise sobre modernidade através dos cordéis do Leandro Gomes de Barros fazem-nos entender como as camadas populares recepcionaram e processaram as transformações advindas neste período, como se revelou ao longo da exposição e da análise dos textos. Este projeto de modernidade/civilidade foi muito além da instauração de um novo regime político, apresentou-se com o processo de empobrecimento da população, através do estabelecimento de impostos sobre os alimentos, da regulação da vida privada através das leis, da exposição e preocupação com os gastos públicos e com a corrupção.

Neste sentido, os temas manifestados nos cordéis de LGB aponta a vivacidade e a realidade destes escritos que o tempo não os tornou obsoletos, ao contrário, ainda estão muito presentes no nosso cenário social, pontos como: gastos públicos, corrupção, falta de prestígio social dos políticos, votação, “compra de votos” entre outros temas.

Por tudo isso exposto, faz-nos entender um pouco a importância da conquista do título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, fornecido à literatura de cordel, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (BRASIL, 2018), no dia 19 de setembro de 2018, isso é a materialização da relevância desta expressão artística, econômica, política, acadêmica de interpretar e movimentar o pensamento entre os diversos segmentos sociais, especialmente entre o público menos escolarizado (GALVÃO, 2001).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana; São Paulo, SP: Cortez, 2001.

ALBRECHT, Milton. The relationship of literature and society. In: **American Journal of Sociology**, 5 (59), 1954.

ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. In: **Revista brasileira de ciências sociais**. 2000, Vol.14, n. 44.

ALTAMIRANO, Carlos & SARLO, Beatriz. **Literatura/sociedad**. Buenos Aires, Edicial, 2001.

ALVES, Paulo César. et. al. Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas. In: **Revista Brasileira de Sociologia**. Vol. 6, n. 12. Jan/abril 2018.

ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Pensamento Brasileiro e Sociologia da Cultura: questões de interpretação. In: **Tempo Social**, 1 (16), 2004.

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949

BASTIDE, Roger. **Sociologia**. Org. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Ática, 1983.

BASTOS, Elide Rugai e BOTELHO, André. Para uma sociologia dos intelectuais. In: **Dados**, Rio de Janeiro, vol.53, n.4. 2010.

BATISTA, Sebastião. Ainda o seu a seu dono. In: **Encontro com o Folclore**: Rio de Janeiro, 1955.

BAUER, M. W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W; GASKELL (Orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 2ª Ed Petrópolis: Vozes, 2002.

BOTELHO, André. Sequências de uma sociologia política brasileira. In: **Dados**, 50 (1): 2007.

\_\_\_\_\_. **O Brasil e os Dias**: Estado-nação, Modernismo e Rotina Intelectual. Bauru, SP, Edusc, 2005

\_\_\_\_\_. **Aprendizado do Brasil**. Campinas: Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_ e HOELZ, Maurício. Sociologias da literatura: Do reflexo à reflexividade. In: **Tempo social**. vol.28, no.3, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>, acessado em 20 de setembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Conhecimentos de Sociologia. In: **Orientações curriculares para o Ensino Médio**: Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC: Brasília, Secretaria de Educação Básica, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. MEC: Brasília, Secretaria de Educação Básica, 2008b.

BRITO, Gilmário Moreira. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste**: Inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade. São Paulo: Anablume, 2009.

CAMPOS, Renato Accioly Carneiro. **Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1959

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v.2.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1961. v.1.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Sao Paulo: Ed. Itatiaia; Edusp, 1984.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2000

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **As escritas do lugar: regiões e regionalismo em José Lins do Rego e Erico Verissimo**. Tese de Doutorado do PPGS da Unicamp: Campinas, 2012.

COSSIO, Carlos. **La opinión pública**. Buenos Aires: Paidós, 1985.

CURRAN, Mark Joseph. **Leandro Gomes de Barros and the Literatura de Cordel of Northeast Brazil**. Dissertation present to the Faculty of the Graduate School of Saint Louis University of doctor of Philosophy. EUA: Michigan, 1968.

DIÉGUES JR., Manuel (et. al.) **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; 1986.

D'OLIVO, Fernanda Moraes. **O social no cordel: uma análise discursiva**. Dissertação apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP: Campinas, 2010.

EASTWOOD, Jonathan. Bourdieu, Flaubert, and the sociology of literature. In: **Sociological Theory**. 2 (25), 2007.

FCBR – Fundação Casa de Rui Barbosa. **Acervo de Cordel**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

FERREIRA, Gabriela Nunes. **Centralização e descentralização no Império: o debate entre Tavares Bastos e Visconde de Uruguai**. São Paulo, Editora 34, 1999.

FORSTER, Peter & KENNEFORD, Celia. Sociological theory and the sociology of literature. In: **The British Journal of Sociology**, 3 (24): 1973.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira Galvão. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol.23, n.81, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GONÇALVES, Marco Antonio. Imagem – palavra: A produção do cordel contemporâneo. In: **Sociologia & Antropologia**. Vol. 1, n.2. Rio de Janeiro, 2011

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

HAURÉLIO, Marco. A trajetória do Cordel no Brasil, em prosa e verso. In: **Cultura Crí-ti-ca** (Revista Cultural da APROPUC-SP) nº 8. Dossiê sobre Literatura de Cordel. São Paulo, 2007.

HOFFNAGEL, Marc Jay. Tensões e conflitos na consolidação da república em Pernambuco: a revolta de triunfo. In: **Revista CLIO**, n. 28 (2), 2010.

INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. vol I. Rio de Janeiro: Gráfica Guanabara, 1969.

LESSA, Orígenes. **Literatura Popular em versos**. São Paulo: Anhembi, XXI, dezembro de 1955.

LIAKOPOULOS, M. Análise Argumentativa. In: BAUER, M. W; GASKELL (Orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 2ª Ed Petrópolis: Vozes, 2002.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ-UCAM, 1999.

LONDRES, Maria José Fialo. **Cordel: do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1983.

LUCENA, Kalhil Gibran Melo de. **Fragmentos de História em verso: literatura de folhetos na Primeira República (1889-1920)**. Dissertação do Programa de História Social da Cultura Regional da UFRPE, Recife: 2015.

LUYTEN, Joseph M. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da especialidade**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, [2007].

MATOS, Edilene Dias. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. In: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão, 2010.

\_\_\_\_\_. Literatura de Cordel: a escuta de uma voz poética. In: **Cultura Crí-ti-ca** (Revista Cultural da APROPUC-SP) nº 8. Dossiê sobre Literatura de Cordel. São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **O imaginário na literatura popular em verso.**

Dissertação de Mestrado em Letras, UFBA: Salvador, 1986.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?** São Paulo: Hedra, 2007.

MAYA, Ivone da Silva Ramos. **O povo de papel:** a sátira na literatura de cordel. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides:** breve história da literatura brasileira I. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MENDES, Simone (org.) **Cordel nas Gerais:** Oralidade, Mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

MICELI, Sergio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. In: **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, abr. 2003.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais à Brasileira.** São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco.** Recife: Imprensa Universitária, 1967.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical:** sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século. Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

\_\_\_\_\_. **Românticos e folcloristas:** cultura popular. São Paulo: Olho d'água: 1992.

PONTES, Heloisa. "Círculo de Intelectuais e Experiência Social". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.12, n 34, 1997.

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870).** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Hucitec/Educ, 1997.

\_\_\_\_\_. **A letra e a voz.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ileize Luciana Fiorelli. **Das fronteiras entre ciência e educação escolar:** as configurações do ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Estado do Paraná (1970-2002). 1 ed. Porto Alegre: CirKula, 2016.

SILVA, José Itamar Sales da. "**Panelas que muito mexem**": o guisado da cultura política do Brasil à luz da literatura de cordel. Tese apresentado ao PPGCS da UFCG: Campina Grande, 2015.

SORÁ, Gustavo. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, out.1997.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

TEIXEIRA, Ana Paula de F. **Modernidades em confronto**: as literaturas modernistas brasileira e portuguesa. Tese (Doutorado em Sociologia), FFLCH/USP: São Paulo, 2009.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de luta**: primórdios da literatura de folhetos no nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983

THIESSE, Anne-Marie. **A criação das identidades nacionais**: Europa-séculos XVIII-XX. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ecrire la France: le mouvement littéraire regionaliste de langue française entre la Belle Epoque et la Liberation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

WAIZBORT, Leopoldo. Roberto Schwarz: entre forma literária e processo social. In: BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia (orgs.). **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. São Paulo: Hucitec/Educ, 1997.

**ANEXO**

ANEXO A – LISTAGEM DO *CORPUS* DA PESQUISA

Numeração*	Título	Nº de páginas
LC6041 A e B	O Imposto de Honra O marco Brasileiro	17
LC6042 A e B	Os Homens da Mandioca Debate de Josué Romano com Amaro Coqueiro do Piauí	18
LC6045 A e B	O Gallo Mysterioso, marido da Gallinha de Dente  Como Derribei o marco do meio do mundo	18
LC6055	As aflições da Guerra da Europa	17
LC6062	Batalha de Ferrabraz com Oliveiros	39
LC6068	A força do amor	50
LC6072	A festa do Mercado do Recife	10
LC6073 A e B	Echos da Patria A Guerra	18
LC6074 A, B e C	O dinheiro Casamento do sapo  Ultimas palavras dum papa	18
LC6075 A e B	O Divorcio da Lagartixa Disculção do vinho com a aguardente	19
LC6082	Como João Leso vendeu o Bispo	18
LC6083 A e B	A Cura da Quebradeira O Pezo de uma mulher	18
LC6086	Festas do Juazeiro no vencimento da Guerra	18
LC6087 A, B e C	O Fiscal e a Lagarta  O Governo E A Lagarta Contra O Fumo  A Dôr De Barriga De Um Noivo	17
LC6093 A, B e C	Os Colectores da Great Western  A cançoneta dos morcegos  Peleja de José do Braço com Izidro Gavião	16

LC6098 A, B e C	A mulher e o imposto Decima de um portuguez a sua namorada Debate do Serrador com Josué (1º volume)	18
LC7002	O mal em paga do bem ou Rosa e Lino de Alencar	47
LC7008 A, B e C	A crise actual e o aumento do selo A Urucubaca O Antigo e o Moderno	17
LC7011	A Voz do Povo Pernambucano	16
LC7014 A, B e C	A vida completa de João Lezo  Viagem De João Lezo À Serra Do Céu  Como João Lezo Vendeu O Bispo	52
LC7015	A Vida de João Lezo (superior a Cancão de Fogo)	18
LC7016	Viagem de João Lezo à Serra do Céu (Uma quengada que lhe rendeu cento e	18
LC7017 A e B	O Tempo de Hoje O sorteio militar	17
LC7019	A Prisão de Oliveiros	51
LC7021	Peleja de Manoel Riachão com o Diabo (Completa)	18
LC7022 A, B, C e D	O povo na cruz Mosca, Pulga e Persevejo  Se algum dia eu morrer  A Intriga Da Aguardente	19
LC7025	O Cachorro dos Mortos	54
LC7035 A e B	O Recife Parodia	20
LC7038 A e B	A Secca do Ceará  Panellas que muitos mexem	19
LC7058	A Caganeira	4
LC7063	A Filha do Pescador	44

Obs.: \* Conforme catalogação do FCRB (2015)